

A TEORIA DA METÁFORA NA FILOSOFIA DE PAUL RICOEUR*

THE THEORY OF METAPHOR IN THE PHILOSOPHY OF PAUL RICOEUR

Frederico Soares de Almeida**

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar e discutir a teoria da metáfora elaborada por Paul Ricoeur, ressaltando sua relevância no interior de sua filosofia hermenêutica. A partir de um diálogo crítico com o estruturalismo e a filosofia da linguagem, Ricoeur busca superar a concepção retórica clássica da metáfora, que a reduzia a um mero ornamento do discurso, propondo compreendê-la como um fenômeno de inovação semântica. A metáfora, ao romper com o uso literal da linguagem, cria novas pertinências de sentido, abrindo possibilidades inéditas de referência e de redescrição da realidade. Nesse horizonte, a metáfora viva é concebida como um “poema em miniatura”, expressão que revela a força criadora da linguagem e seu poder de revelar o ser por meio da ficção. O discurso poético, portanto, não se fecha em si mesmo, mas instaura um novo mundo, o “mundo do texto”, no qual o leitor é convidado a reinterpretar a si e ao real. Assim, a teoria da metáfora em Ricoeur articula poética, ontologia e hermenêutica, configurando-se como uma reflexão sobre o poder criador da linguagem e sobre a dimensão simbólica do ser-no-mundo. Em nosso texto, iremos mostrar como a metáfora será vista como o processo retórico pelo qual o discurso libera o poder que algumas ficções apresentam de redescrição da realidade.

PALAVRAS-CHAVE: metáfora; inovação semântica; poética; ontologia.

ABSTRACT

The present article aims to present and discuss Paul Ricoeur's theory of metaphor, emphasizing its relevance within his hermeneutical philosophy. Through a critical dialogue with structuralism and the philosophy of language, Ricoeur seeks to move beyond the classical rhetorical conception of metaphor, which reduced it to a mere ornament of discourse, proposing instead to understand it as a phenomenon of semantic innovation. By breaking with the literal use of language, metaphor generates new pertinences of meaning, opening unprecedented possibilities for reference and for the redescribing of reality. Within this horizon, the living metaphor is conceived as a “miniature poem”, an expression that reveals the creative force of language and its power to disclose being through fiction. Poetic discourse, therefore, does not close in upon itself but establishes a new world, the “world of the text”, in which the reader is invited to reinterpret both self and reality. Thus, Ricoeur's theory of metaphor articulates poetics, ontology, and hermeneutics, configuring itself as a reflection on the creative power of language and on the symbolic dimension of being-in-the-world. In this study, we aim to show how metaphor can be understood as the rhetorical process through which discourse releases the power that certain fictions possess to redescribe reality.

KEYWORDS: metaphor; semantic innovation; poetics; ontology.

* Artigo recebido em 23/06/2025 e aprovado para publicação em 10/10/2025.

** Doutor em Filosofia pela UFMG. Mestre e graduado em filosofia pela FAJE. Graduação em Teologia pela Faculdade Evangélica de Teologia. E-mail: frederico.almeida@esta.com.

INTRODUÇÃO

Paul Ricoeur, com a publicação de *A metáfora viva*, em 1975, realiza uma verdadeira reviravolta da origem para o resultante do texto, abrindo-o novamente para o horizonte de diversas possibilidades em sua dimensão poética. Conforme o pensador francês, a dimensão poética sempre foi posta como essencial. Ela se encontra em todos os seus trabalhos, desde sua reflexão a respeito da filosofia da vontade. Nesse contexto, Ricoeur, já apontava a aparição próxima de uma poética da vontade.

Da mesma maneira em que insiste sobre o círculo hermenêutico, o elo circular que religa o crer e o compreender, Ricoeur estabelece uma complementariedade entre a vertente criativa da metáfora e a especulativa do conceito, “a metáfora é viva enquanto inscreve o impulso da imaginação em um ‘pensar mais’ ao nível do conceito. É essa luta pelo ‘pensar mais’ sob a conduta do ‘princípio vivificante’ que é a alma da interpretação” (Ricoeur, 1975, p. 384, tradução nossa). Assim, a criação está vinculada ao trabalho especulativo, e Ricoeur também atribui um lugar fundamental para essa emergência poética.

No contexto do estruturalismo, tudo buscava ser resolvido a partir das figuras estilísticas, e especialmente por meio de duas delas: a metáfora e a metonímia; onde elas foram transformadas em um pretexto com o objetivo de desenhar os limites de uma clausura textual, o pensador francês irá se deter ao estudo da metáfora. A metáfora permite revelar em que sentido sua dimensão mais intrínseca remete à cópula do verbo “ser” e se amplia a um referente, a uma exterioridade da linguagem que faz manter o mesmo papel tensional que a noção de verdade. Ricoeur procura ampliar um papel maior à metáfora e também busca estabelecer seus limites: “fundar o que foi chamado de verdade metafórica é também limitar o discurso poético” (Ricoeur, 1975, p. 12).

Dessa maneira, a teoria da metáfora é fundamental para ilustrar e explicar o funcionamento da linguagem poética. A linguagem poética é aquela que “rompe com a linguagem cotidiana e se constitui em foco da inovação semântica” (Ricoeur, 1994, p. 301, tradução nossa). Ela tem como objetivo abrir um mundo, o qual, por sua vez, é visto como a coisa do texto. O “mundo do texto” é o que incita o leitor e o ouvinte a entender a si mesmos diante do texto e a desenvolver, de maneira imaginativa, um si suscetível a habitar esse mundo e a desdobrar os seus possíveis mais próprios (Ricoeur, 1994, p. 301).

Portanto, a linguagem poética, longe de celebrar a linguagem por si mesma, abre um mundo, o “mundo do texto”, por meio do qual ela pode ser compreendida. Nesse cenário, a

palavra “poética” não designa um gênero literário a ser acrescentado à narração, à profecia, etc., mas o funcionamento global de todos esses gêneros, enquanto lugar da inovação semântica, da proposição de um mundo e da suscitação de uma nova compreensão de si. Dessa forma, nosso artigo tem como objetivo apresentar alguns pontos da teoria da metáfora presentes na filosofia de Paul Ricoeur.

1 PAUL RICOEUR E A TEORIA DA METÁFORA

A teoria da metáfora elaborada por Ricoeur é desenvolvida a partir de um diálogo crítico com o pensamento estruturalista e com a filosofia da linguagem. Como veremos, nosso filósofo trabalha com duas perspectivas centrais à sua proposta de teoria. Ele identifica a metáfora como o paradigma da criatividade na linguagem, capaz de redescrivê-la, e, ao mesmo tempo, como poema em miniatura.

É certo que uma teoria hermenêutica que se dedica ao sentido duplo não pode deixar de se interessar pela metáfora. Autores próximos do estruturalismo, como Derrida, já tinham se ancorado na metaforicidade essencial da linguagem para questionar a pretensão referencial do discurso, o que Ricoeur sempre buscou defender. A respeito da evolução desse tema, Jean Grondin (2015, p. 85) observa que *La métaphore vive* (1975) não propõe uma nova síntese do pensamento hermenêutico, mas toma, antes, a via longa que o próprio Ricoeur escolheu trilhar.

Essa mesma obra é apontada por Frey (2021, p. 382) como uma espécie de passagem, uma condução da hermenêutica dos símbolos para uma hermenêutica dos textos. No prefácio do texto, Ricoeur (1975, p. 7, tradução nossa) realiza a seguinte exposição:

Os estudos que seguem são provenientes de um seminário realizado na Universidade de Toronto no outono de 1971, sob os auspícios do Departamento de Literatura Comparada. Nesse sentido, devo manifestar meus vivos agradecimentos ao professor Cyrus Hamlin, meu anfitrião em Toronto. Estas investigações continuaram a progredir durante os cursos dados posteriormente na Universidade de Louvain, depois na Universidade de Paris-X, no âmbito de meu Seminário de investigações fenomenológicas, e enfim na Universidade de Chicago, na cátedra John Niveen.

O filósofo francês explica que, em cada um dos estudos presentes em *La métaphore vive* (1975), há o desenvolvimento de pontos de vista, os quais, juntos, constituem um todo. Simultaneamente, cada um desses estudos é o segmento de um único itinerário que se inicia na retórica clássica, passa pela semiótica e pela semântica, para, então, chegar à hermenêutica. Logo, a passagem de uma disciplina a outra segue a das entidades linguísticas correspondentes:

“a palavra, a frase e, por fim, o discurso” (Ricoeur, 1975, p. 7, tradução nossa). A existência de uma associação da hermenêutica ao campo do discurso é nova e revela toda uma alteração de paradigma protagonizada por Ricoeur.

Nessa mudança, o que passa a caracterizar o símbolo é o seu poder de expressar, com o auxílio de um sentido primeiro ou literal, um outro sentido, alegórico, dando, assim, acesso a uma outra realidade. Para Grondin (2015, p. 86), essa percepção corresponde, por um pouco, “ao mesmo processo que fascinará a hermenêutica da metáfora”, cujo propósito é saber a inovação semântica alcançada pela introdução dessa figura e a “nova referência, que seu desrespeito ao sentido literal torna possível”. Toda essa questão mostra que a metáfora comporta de fato uma referência, a qual se encontra na capacidade de se fazer enxergar a realidade a partir de uma nova luz advinda dos meios da linguagem existente.

Não iremos, de forma específica, nos ater detalhadamente aos oito estudos que compõem *La métaphore vive* (1975). Faltaria tempo e espaço para fazermos isso em nosso artigo. Nossa objetivo, um pouco mais modesto, é extraíremos algumas ideias fundamentais para a compreensão da teoria da metáfora elaborada por Ricoeur.

Para Ricoeur, o problema da metáfora chegou a nós por meio de uma disciplina que morreu durante o século XIX, deixando de figurar nos *cursus studiorum* dos colégios. Ela é a retórica (Ricoeur, 1975, p. 13). Nosso filósofo parte da retórica antiga e clássica, da qual Aristóteles foi o principal teórico, para lidar com a conceituação de metáfora na reflexão ocidental. O filósofo grego abordou essa temática em seus escritos. Para ele, tanto o discurso retórico quanto o poético sobreponham-se à lógica. Isso porque ambos introduzem algum tipo de argumentação.

Nessa conjuntura, a essa ênfase no argumento é importante porque introduz a ideia de criatividade, aludida no argumento retórico, o qual trata da persuasão e também da ideia de prova. “O grande mérito de Aristóteles foi elaborar esse vínculo entre o conceito retórico de persuasão e o conceito lógico de verossímil, e de construir, sobre essa relação, todo o edifício de uma retórica filosófica” (Ricoeur, 1975, p. 17, tradução nossa). Além disso, Ricoeur busca mostrar, como em Aristóteles, a metáfora recolocada sob o fundo da *mimesis*, “participa da dupla tensão que lhe caracteriza: submissão à realidade e invenção fabulosa; restituição e sobreelevação” (Ricoeur, 1975, p. 57).

A poesia também será vista como criativa, ocupando-se com a questão da *mimesis*. Ao contrário da lógica, ratifica Ricoeur (1975, p. 18, tradução nossa): ela “não quer provar nada, seu projeto é mimético; [...] seu alcance é compor uma representação essencial das ações

humanas”. A poesia tem, como seu modo próprio, o dizer a verdade por meio da ficção, da fábula, do *mythos* trágico. “A tríade *poiesis* – *mimesis* – *kátharsis* retrata, de maneira exclusiva, o mundo da poesia, sem confusão possível com a tríade *retórica* – *prova* – *persuasão*” (Ricoeur, 1975, p. 18, tradução nossa).

Ao fim e ao cabo, por produzir uma inovação semântica, a metáfora realiza um papel tanto na retórica, sendo compreendida como uma teoria da argumentação, quanto na poesia e no drama presente nas tragédias gregas, produções as quais Aristóteles dizia serem mais verdadeiras que a história, porque revelariam não tanto como as coisas são, mas como elas deveriam ser. David Pellauer (2009, p. 95), refletindo sobre esse ponto, afirma que:

Em ambos os casos de linguagem, a metáfora trabalha com uma língua já existente na qual introduz uma “distorção” ou desvio que a faz dizer algo novo; daí que a inovação semântica mesma da metáfora depende do uso da língua ou, como define Ricoeur, do discurso. Esse aspecto transgressivo ou transformativo da metáfora é o que torna capaz de criar novo significado ao perturbar a ordem lógica existente, ao mesmo tempo que o gera sob nova forma. E o faz, como já percebera Aristóteles, porque nos leva a “ver” as coisas de modo diferente, não imitando-as – no sentido de produzir uma cópia –, mas redescrivendo-as.

Por isso, a metáfora apresenta uma função referencial, uma função ontológica, assim como uma função criativa. Conforme Ricoeur (1975, p. 8), a metáfora não deve mais ser considerada como uma denominação desviante, mas sim como predicação impertinente.

Não podemos esquecer que a tradição retórica posterior reduziu a teoria de Aristóteles a uma teoria de *tropos*, compreendida como o desviante de uma palavra determinada. As metáforas, nesse novo contexto, foram reduzidas a uma substituição decorativa do que poderia ser dito de forma direta ou a uma mera forma de comparação. Para Ricoeur, Aristóteles, ao situar a metáfora no segmento do discurso, defende que ela seja a substituição de um nome. Nossa filósofo esclarece:

É a ideia de substituição que parece a mais prenhe de consequências, pois se, com efeito, o termo metafórico é um termo substituto, a informação fornecida pela metáfora é nula, o termo ausente podendo ser restituído caso exista; e, se a informação é nula, a metáfora tem somente um valor ornamental, decorativo. Essas duas consequências de uma teoria puramente substitutiva caracterizarão o tratamento da metáfora na retórica clássica. Sua rejeição seguirá a rejeição do conceito de substituição, ligado ele mesmo ao de um deslocamento que afeta os nomes (Ricoeur, 1975, p. 30, tradução nossa).

Ricoeur tem o objetivo de superar os limites da tradicional teoria retórica da metáfora que enxergava nela somente um *tropo*, uma figura do discurso, concernente a certa

denominação, a qual consistiria na mera “substituição de uma palavra usada em sentido literal por outra usada em sentido figurado, com o escopo puramente decorativo, sem conter um aumento de conhecimento” (Jervolino, 2011, p. 60). A teoria discursiva da metáfora vai pelo caminho oposto a essa compreensão, considerada como um fenômeno de predicação não pertinente no contexto da frase. Logo, percebemos que o efeito metafórico surge da tensão relacionada entre dois termos incompatíveis do ponto de vista literal. Assim, a proposta de Ricoeur é chegar a uma compreensão da metáfora como predicação, uma atribuição no nível do discurso.

Nosso filósofo realizará, portanto, um deslocamento da retórica clássica e de sua versão estruturalista (a nova retórica) para uma semântica entendida no sentido de Benveniste, que faz com que a frase seja portadora da significação completa mínima (Ricoeur, 1975, p. 8). Nesse horizonte, a sentença é portadora de significação, e a semiótica considerará a palavra como um signo dentro do código lexical. É a partir do debate com a filosofia de língua anglo-saxônica que a atenção de Ricoeur pode agora se concentrar no fenômeno da inovação semântica, o qual consiste em criar uma nova relevância de acordo com novas conexões produzidas por uma imaginação regulada (Frey, 2021, p. 382).

Dessa maneira, o processo metafórico realiza uma torção na linguagem, o que a faz se ultrapassar, gerando uma inovação semântica ou um aumento icônico do sentido. Longe de ser um simples ornamento da linguagem, a metáfora aparece como elemento central de uma *mimesis*, uma imitação das ações humanas que é também uma recriação delas: *mimesis* é *poiesis*, e vice-versa (Ricoeur, 1975, p. 56). E isso acontece de modo que, ainda no processo metafórico, a realidade persiste como referência e não se torna constrangimento a uma obra sobre a qual ela já não pesa (como em Platão) a preocupação ontológica de *proporcionar a aparência ao real* (Ricoeur, 1975, p. 60). Ricoeur (1995, p. 46, tradução nossa), assim, explica:

A metáfora deixou de aparecer como um ornamento retórico ou uma curiosidade linguística, para se tornar, pelo contrário, o mais brilhante exemplo da capacidade da linguagem e criar sentido através de comparações inesperadas, por via do qual uma nova relevância semântica acaba por emergir entre as ruínas da relevância previamente destruída devido à sua inconsistência semântica e lógica. De fato, não foi apenas a palavra que acabou sendo superada pela frase como unidade primária de sentido, mas a própria frase pelo texto. Na verdade, a articulação palavra/frase/texto, que viria a desempenhar um papel tão decisivo na minha obra, não se destaca ainda de uma forma suficientemente nítida na ordem seguida em *La métaphore vive*, porque a ordem que adotei era controlada pelo estado da discussão sobre o estudo da retórica. Além disso, a distinção entre o nível do poema, enquanto texto, e a afirmação metafórica, como frase, não pareciam ser suficientemente relevantes para impor a relação tríplice acima referida. Nesse sentido, a análise da narrativa forneceria a

oportunidade para um reconhecimento completo dos requisitos de uma análise propriamente textual.

Ricoeur (1975, p. 273) compartilha com Gottlob Frege a ideia de que todo discurso tem a finalidade tácita de um desejo de verdade que nos estimula a passar do sentido enunciado à referência visada. Se a questão da referência toca tanto à semântica quanto à hermenêutica, é esta última que se impõe no caso de composições mais amplas que a frase, o texto e, principalmente, a obra. Mais que a noção de escrita, é a de obra que importa aqui, desde que entendida como uma composição codificada, segundo as regras de um gênero literário, apresentando estilo e traços singulares a ele pertencentes. Aplicada à obra escrita, a teoria de Frege da referência leva Ricoeur a dizer que a estrutura do texto equivale ao seu sentido, e que o mundo dele é a sua denotação, a sua referência (Ricoeur, 1975, p. 278).

O discurso poético não é desligado da realidade e fechado em si mesmo. Segundo Ricoeur (1975, p. 11, tradução nossa), “a suspensão da referência lateral é a condição para que seja liberado um poder de referência de segundo grau, que é propriamente a referência poética”. Por consequência, o pensador francês entende que a metáfora é o processo retórico por meio do qual o discurso libera o poder que algumas ficções têm de redescrição da realidade (Ricoeur, 1975, p. 11). Atingido tal patamar, para analisar os símbolos, Ricoeur não só explora o vasto mundo do texto literário e a sua “poética da vontade”, mas faz incursões pela psicanálise, a fim de ser preciso nas suas impressões sobre o estruturalismo.

Posto isso, não podemos nos esquecer de lidar com a clássica oposição entre a metáfora viva e a metáfora morta. A metáfora morre quando decai a pura variante do nome, quando ela é reduzida a um mero sinal. Contudo, na contramão da metáfora morta, a viva é um “poema em miniatura” (Ricoeur, 1975, p. 121), que apresenta o poder de transfigurar a realidade, “suspensendo a referência ordinária da linguagem para mostrar-nos as coisas no seu ‘ser como’, em sua verdade mais profunda, que faz do mundo um local habitável” (Jervolino, 2011, p. 60). Assim, a metáfora nos direciona ao centro do problema hermenêutico, propondo uma nova formulação do conceito de verdade: a verdade metafórica.

A metáfora viva, o “poema em miniatura”, diz respeito ao conjunto de referências aberto pelo texto, o qual revela um mundo onde se pode habitar. Nesse sentido, a linguagem passa a ser significativa, e a categoria de “mundo do texto” a ser fundamental. A metáfora viva não se encontra do lado da simples semelhança, tem seu lugar especial na tensão com a identificação comum: “apenas as metáforas autênticas, as metáforas vivas, são ao mesmo tempo acontecimento e sentido” (Ricoeur, 1975, p. 127). Por conseguinte, o pensador acrescenta:

A natureza da referência, no campo das obras literárias, tem uma consequência importante para o conceito de interpretação. Ela implica que a significação de um texto não está atrás dele, mas na sua frente. Não se trata de algo velado, mas de algo descoberto, aberto. O que faz entender é o que aponta para um mundo possível, graças às referências não ostensivas do texto. Os textos falam de mundos possíveis e de maneiras possíveis de se orientar nesses mundos. Assim, descobrir/abrir equivale, para os textos escritos, à referência ostensiva para a linguagem falada. A interpretação torna-se então a percepção das proposições de mundo abertas pelas referências não ostensivas do texto (Ricoeur, 2011, p. 85).

Assim, a ideia de interpretação traduz um deslocamento decisivo da ênfase, em relação à tradição romântica da hermenêutica. “Agora, ela está menos no outro, enquanto entidade espiritual, do que no mundo que a obra exibe. *Verstehen* (compreender) é seguir a dinâmica da obra, seu movimento que vai daquilo que ela diz àquilo a respeito do que ela afirma” (Ricoeur, 2011, p. 85). O sujeito se oferece ao modo possível de estar no mundo, o qual um texto abre e o faz descoberto.

Isso está relacionado com o que Gadamer (2004a) nomeia como fusão de horizontes no conhecimento histórico. Após especificar o horizonte como “o âmbito de visão que abarca e encerra tudo o que pode ser visto a partir de um determinado ponto” (Gadamer, 2004a, p. 399), o filósofo alemão segue:

O horizonte do presente está num processo de constante formação, na medida em que estamos obrigados a pôr constantemente à prova todos os nossos preconceitos. Parte dessa prova é o encontro com o passado e a compreensão da tradição da qual nós mesmos procedemos. O horizonte do presente não se forma, pois, à margem do passado. Não existe um horizonte do presente por si mesmo, assim como não existem horizontes históricos a serem conquistados. *Antes, compreender é sempre o processo de fusão desses horizontes presumivelmente dados por si mesmos.* Conhecemos a força dessa fusão sobretudo de tempos mais antigos e da ingenuidade de sua relação com sua época e com suas origens. A vigência da tradição é o lugar onde a fusão se dá constantemente, pois nela o velho e o novo crescem juntos para validez vital, sem que um e outro cheguem a se destacar explícita e mutuamente (Gadamer, 2004a, p. 404-405).

Ricoeur (2011, p. 85-87) afirma que:

O deslocamento da ênfase da compreensão do outro para a compreensão do mundo de sua obra traz um deslocamento correspondente na concepção do “círculo hermenêutico”. Por círculo hermenêutico os pensadores do romantismo queriam dizer que a compreensão de um texto não poderia ser um procedimento objetivo, do ponto de vista da objetividade científica, mas que implicava necessariamente uma pré-compreensão, exprimindo a maneira na qual leitor e obra estavam incluídos. Por isso, produz-se um tipo de circularidade entre a compreensão do texto e a compreensão de si mesmo. É este, em termos condensados, o princípio do círculo hermenêutico. [...] Assim, o círculo hermenêutico não é negado, mas sim deslocado de um nível subjetivista para um plano ontológico: o círculo está entre minha maneira de ser – para além do conhecimento que posso ter – e a maneira aberta e descoberta pelo texto

como mundo da obra. Esta é minha proposta de modelo de interpretação para converter textos, enquanto sequências longas de discurso, em metáfora, entendida como “um poema em miniatura” (Beardsley). Com certeza, a metáfora é um discurso muito curto para exibir a dialética entre a descoberta de um mundo e a descoberta de si mesmo diante desse mundo. Contudo, essa dialética revela alguns traços da metáfora que as teorias modernas citadas até agora não parecem levar em consideração, mas que estavam presentes na teoria grega da metáfora.

Sendo assim, o autor francês trata da dimensão simbólica de ser no mundo no horizonte da hermenêutica. Isso porque a tarefa da interpretação é a de explicitar (Ricouer, 1975, p. 288) as possibilidades de ela própria ser e entrar no jogo da metáfora viva. Logo, é o leitor que construirá assim, cada vez mais, sentido a ser compreendido.

David Pellauer (2009, p. 96) pontua que, para Ricoeur,

As metáforas vivas envolvem um tipo estranho de predicação: elas dizem “é” e “não é” ao mesmo tempo! É por isso que não podem ser traduzidas em proposições lógicas ou diretamente entendidas por meio de técnicas aplicáveis àquelas asserções, em que uma sentença ou diz sim ou diz não sobre alguma coisa. Numa metáfora viva há como que uma tensão entre o sujeito e o predicado. Tal percepção leva a uma teoria interativa para a qual nem um apelo à substituição nem uma explicação em termos comparativos é adequada para explicitar plenamente essa tensão.

Portanto, quando a metáfora é vista como viva, o que ela afirma ou diz não pode ser traduzido de forma imediata em conceitos preexistentes. Com efeito, seria necessário um ajuste na nossa compreensão e na nossa linguagem que fosse capaz de nos levar a ver as coisas de forma diferente, como dizia Aristóteles. As metáforas vivas são uma fonte de inovações semânticas identificadas e reidentificadas como significativas. Elas apresentam um horizonte referencial e buscam dizer algo novo sobre a realidade.

A metáfora continua viva quando reparamos, por meio da nova pertinência semântica, e de certo modo em sua espessura, a resistência das palavras em seu emprego usual e, portanto, também sua incompatibilidade no nível de uma interpretação literal da frase.

Destarte, ao mesmo tempo que a metáfora pode aparecer como fusão de sentido, ele é o lugar onde o conflito de sentido entre o antigo e o novo acontece. É no seio desse tropo que Ricoeur (1975, p. 195) irá identificar que a metáfora apresenta uma dinâmica interna de mudança e de resistência à mudança: “a metáfora é o processo pelo qual o locutor reduz a tensão mudando o sentido de uma das palavras”. O autor comprehende essa mudança de sentido como “a resposta do discurso à ameaça de destruição que representa a impertinência semântica”.

Portanto, é no excesso de sentido que essa criatividade habita, sempre direcionada para os outros mundos possíveis. A ameaça que se encontra na destruição do sentido primeiro, literal, necessita encontrar nesse ricochete para novos sentidos possíveis uma fuga, uma reabertura criativa. Não podemos esquecer que a metáfora não parte de um grau zero de escritura, mas sim de um sentido sedimentado. Logo, a nova tensão toma seu impulso desse sentido antigo para inovar.

A metáfora é poética porque é uma estratégia de discurso pela qual a linguagem despoja-se de sua função descritiva ordinária, a fim de servir-se de sua função extraordinária de redescrição (Ricoeur, 2006, p. 177). O autor confessa e esclarece:

Aqui reencontro a grande ideia de Aristóteles em sua *Poética*. A poesia é descrita como uma *mimesis* da ação humana (Aristóteles pensa na tragédia). Mas essa *mimesis* passa pela criação, pela *poiesis* de uma fábula ou de um mito, que é o trabalho mesmo do poeta. Na linguagem que adotei aqui, diria que a poesia imita a realidade somente recriando-a em um nível mítico do discurso. Aqui, ficção e redescrição vão de mãos dadas. É a ficção heurística que leva a função da descoberta na linguagem poética (Ricoeur 2006, p. 178).

Assim, a metáfora se apresenta “como uma estratégia do discurso que, ao preservar e desenvolver a potência criadora da linguagem, preserva e desenvolve o poder *heurístico* desdoblado pela *ficção*” (Ricoeur, 1975, p. 10, tradução nossa). Nesse nexo, a linguagem poética abre um mundo, o “mundo do texto”. É possível compreendê-la a partir dessa abertura. Para isso, faz-se necessário expandir o argumento da teoria do texto, já que, como vimos, a noção de metáfora é complexa.

Na metáfora, há, ainda, uma conjunção entre poética e ética. Nessa aproximação, ela encontra sua expressão fundamental, enquanto lugar próprio do consenso/dissenso, horizonte de coalizão do antigo e do novo, núcleo de emergência de questões comuns (Dosse, 2008, p. 364). Leitor atento de Ricoeur, em campo oportuno, Olivier Abel (1992, p. 111-120) trabalha a existência de uma analogia entre o estatuto do julgamento de direito, considerando a expressão de uma ética da imaginação jurídica entre o nosso filósofo francês e Calvino. Segundo François Dosse (2008, p. 364-365, tradução nossa),

Gilbert Vincent já tinha colocado o acento, em sua tese, no caráter pragmático da leitura bíblica de Calvino, sobretudo preocupado em saber o que o texto pode ter como utilidade no contexto daquele que o lê e o interpreta¹. Para Calvino, a lei é em primeiro lugar imaginação, uma vez que a demonstração visa responsabilizar o sujeito, ajudando-o a imaginar uma regra, enquanto não dispõe de uma imagem adequada para

¹ VINCENT, Gilbert. *Exigence éthique et interprétation dans l'œuvre de Calvin*. Genève: Labor et Fides, 1984.

representá-la. Olivier Abel percebe na reflexão de Ricoeur sobre a justiça uma primazia similar concedida às variações imaginativas, de tal maneira que podemos falar da função metafórica do julgamento. “A intervenção do julgamento do direito é então quase poética: ela *reconstrói uma pertinência jurídica*, e por aí abre caminho a uma nova representação da realidade”. Esse julgamento já não é então uma simples transposição mecânica da situação, mas uma reconfiguração dessa realidade. É essa produção de um sentido sempre renovado que constitui o horizonte poético em Ricoeur, sempre enraizado ontologicamente no ser, mas a partir de uma situação de indeterminação a ser reformulada em um horizonte de expectativa.

Dessa maneira, percebemos que o estudo da metáfora como inovação semântica representa o objeto de uma determinada tentativa de generalização para além da esfera do discurso. Existe, da parte de Ricoeur, um empenho à construção de uma teoria geral da imaginação em um ponto de articulação entre o teórico e o prático. Nesse intento, ele observa que a relação forçada do discurso ordinário pode ser anulada, deixando se enunciar a pertença com o mundo da vida.

Posto isso, o autor francês acrescenta: a metáfora “deixa-se-dizer o vínculo ontológico de nosso ser com outros seres e ao ser. O que assim se deixa dizer é o que chamo de referência de segundo grau que é, na realidade, a referência primordial” (Ricoeur, 1986, p. 221, tradução nossa). Ricoeur não considera o ser de maneira contemplativa ou de forma puramente discursiva, estende-se para um fazer, para a formulação de motivações, de projetos onde se amarra a relação entre ação e imaginação, já que uma não existe sem a outra. (Ricoeur, 1986, p. 224). O pensador francês arriscou-se a falar não só de sentido metafórico, mas de referência metafórica, para expressar o poder do enunciado metafórico de redescrivêr uma realidade inacessível à descrição direta.

CONCLUSÃO

Contra Nietzsche e as teorias desestrutivas da metáfora como a de Jacques Derrida, Ricoeur sustenta que os conceitos não são meras metáforas mortas e, a partir desse juízo, ele, então, precisa a tarefa própria da filosofia: elaborar reflexão, considerando, como ponto de partida, tanto o mito como o discurso poético. Nessa empreitada, torna-se imprescindível reconhecer e incorporar a existência de outras formas de discurso, as quais têm seus próprios alvos semânticos. Devem ser validadas, ainda, as maneiras como tais discursos se cruzam e interagem.

Nessa via, Ricoeur recorrerá à habilidade humana em utilizar a língua para construir uma reflexão sobre si mesmo assim como sobre aquilo que buscamos trazer à língua, a ação humana e acerca do mundo em que essa ação ocorre. No fundo dessa compreensão mais geral

da hermenêutica, há preocupação com a virada ontológica na hermenêutica encontrada em Heidegger e Gadamer, que diz respeito não apenas ao significado, mas ao próprio ser da humanidade.

Para Ricoeur, lidar com a metáfora é pensar no fenômeno de inovação semântica que se produz no nível do discurso, produção de uma nova pertinência semântica mediante uma atribuição impertinente. Assim, a metáfora será vista, como pontuamos no texto, como o processo retórico por meio do qual o discurso libera o poder que algumas ficções apresentam de redescrição da realidade.

Destarte, a metáfora realiza uma inovação semântica, ela efetua uma distorção ou desvio que a faz dizer algo novo. A metáfora trabalha com a língua já existente, e é por isso que a inovação metafórica depende do uso do discurso. Esse aspecto transformativo da metáfora é o que faz com que ela tenha a capacidade de realizar a criação de um novo significado ao perturbar a ordem lógica existente, ao mesmo tempo que o gera sob nova forma. Isso acontece devido ao fato de a metáfora nos levar a enxergar as coisas de modo diferente, não imitando-as, mas redescrivendo-as. É por causa disso que a metáfora apresenta uma função referencial – em última instância ontológica – e uma função criativa.

REFERÊNCIAS

- ABEL, Olivier. *Jugement dernier et jugement de droit. Une éthique de l'imagination juridique chez Calvin et Ricoeur*. **Foi et Vie**, Paris, n. 5, septembre, p. 111-120, 1992.
- DOSSE, François. **Paul Ricoeur – lessens d'une vie**. Paris: La Découverte, 2008.
- FREY, Daniel. **La religion dans la philosophie de Paul Ricoeur**. Paris: Hermann Éditeurs, 2021.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Editora Vozes, 2004a.
- GRONDIN, Jean. **Paul Ricoeur**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- JERVOLINO, Domenico. **Introdução a Ricoeur**. Tradução de José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2011.
- PELLAUER, David. **Compreender Ricoeur**. Tradução de Marcus Penchel. Petrópolis: Vozes, 2009.
- RICOEUR, Paul. **A hermenêutica bíblica**. Tradução de Paulo Meneses. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

RICOEUR, Paul. **Du texte à l'action**. Essais d'herméneutique II. Paris: Éditions du Seuil, 1986.

RICOEUR, Paul. **Escritos e Conferências 2** – hermenêutica. Tradução de Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

RICOEUR, Paul. **La métaphore vive**. Paris: Éditions du Seuil, 1975.

RICOEUR, Paul. **Le conflit des interprétations** – essais d'herméneutique. Paris: Éditions du Seuil, 1969.

RICOEUR, Paul. **Lectures 3**: Aux frontières de la philosophie. Paris: Éditions du Seuil, 1994.

RICOEUR, Paul. **Réflexion faite** – Autobiographie intellectuelle. Paris: Éditions Esprit, 1995.